

Missão Cruls



Pesquisadores percorrem a região de Pirenópolis para medir o pico que se julgava o mais alto do país e descobrem riquezas em materiais para construção



Fotos:Wanderlei Pozzembom

PATRIMÔNIO NATURAL

PARA CHEGAR AO ALTO DA SERRA, OS INTEGRANTES DA COMISSÃO EXPLORADORA DO PLANALTO CENTRAL ENFRENTARAM EM 1892 UM TORTUOSO CAMINHO DE 20KM: ÁREA FOI TRANSFORMADA EM RESERVA AMBIENTAL PELO GOVERNO DE GOIÁS

No topo dos Pireneus

RENATO ALVES

ENVIADO ESPECIAL

Henrique Morize

Pirenópolis (GO) — Ao chegar a Pirenópolis, no dia 1º de agosto de 1892 — um mês após a partida do Rio de Janeiro — a Comissão Exploradora do Planalto Central foi dividida em duas turmas. Uma deveria seguir em linha reta para Formosa. A outra passaria por Corumbá, Santa Luzia (atual Luziânia), Mestre D'Armas (hoje bairro de Planaltina). Depois, iria também para Formosa.

Antes de subir nas mulas para percorrer o cerrado, um dos grupos, com 11 integrantes, ficou em Pirenópolis por mais um mês. Eles tinham que resolver um problema da cartografia brasileira. Alguns estudiosos sustentavam que o Pico dos Pireneus era o mais alto do Brasil, passando dos 3 mil metros. Mas ninguém ainda havia feito um levantamento preciso.

Os pesquisadores da Missão Cruls começaram a subida à serra no dia 7 de agosto. Seguiram por um caminho tortuoso de 20km. Cruzaram o Rio das Almas e as Minas do Abade — hoje, uma das cachoeiras mais procuradas pelos turistas. Levavam consigo seis barômetros de mercúrio e mais 11 aneróides, instrumentos rústicos para medir a altitude dos Pireneus.

A referência era o Rio Paranaíba, cuja altitude em relação ao mar havia sido medida duas vezes na viagem do Rio de Janeiro a Pirenópolis. A 5km do pico dos Pireneus, muito cansados, os pesquisadores montaram acampamento. Somente na manhã do dia seguinte chegaram ao cume. Ao meio-dia, fizeram a leitura por meio do barômetro, usando a altura meridiana do sol. Deu 1.385m de altitude.

Ainda do alto do pico, os desbravadores avistaram vários afluentes do Rio Corumbá e o Rio das Almas, que corta Pirenópolis. "Particularidades relativas à hidrografia da região, muito dignas de serem estudadas", ressaltou o chefe da missão, Luiz Cruls, no relatório da Comissão, em grafia da época.



A EQUIPE DE ESTUDIOSOS QUE RECONSTITUIU O CAMINHO DA MISSÃO CRULS ...



... POSA DEBAIXO DA MESMA JABUTICABEIRA QUE ABRIGOU OS PIONEIROS EM 1892

DESBRAVADORES EM DOIS TEMPOS

Além de desfazer o mito dos Pireneus e descrever a hidrografia, a Missão Cruls fez outra descoberta importante para a construção da futura capital do Brasil. "Eles revelaram que havia abundante material de construção na região", destaca a geóloga Regina Clélia Haddad, da Universidade Federal de Uberlândia. Ela é um dos 14 membros da equipe que segue os passos da Missão Cruls há 13 dias, desde o Rio de Janeiro.

A riqueza mineral da serra logo começou a ser explorada por empresários e tem deixado enormes crateras nos Pireneus. Ameaça que é contida, em parte, pela preservação da serra, que virou reserva ambiental do estado de Goiás. O que não garante tanto a preservação do ambiente, em especial nas margens das cachoeiras, invadidas nos

finais de semana ensolarados por milhares de turistas.

A Missão Cruls retornou a Pirenópolis — na época, uma vila — no dia 9 de agosto de 1892. Em seu relatório, Cruls descreveu o clima do lugar, que dizia ser quente mas considerava agradável. Destacou que o povoado ficava em baixa altitude (740m), mesmo nível do restante do Planalto Central.

O grupo, liderado por Cruls, ficou em Pirenópolis até meados de agosto, preparando-se para a viagem até Formosa. No povoado junto ao morro dos Pireneus, eles transformaram em escritório a casa 53 da Rua Direita. Luiz Cruls ganhou um quarto só para ele no casarão, que naquela época ocupava também o terreno onde hoje está a rodoviária da cidade.

No belo pomar do casarão, construído em 1852, Henrique Morize fez a clássica foto de 20 dos 23 integrantes da Missão Cruls, em frente a um muro de pedras, debaixo de um pé de jabuticaba. A casa, o muro e a jabuticabeira permanecem de pé. A residência pertence ao ex-deputado estadual goiano Olímpio Jayme, 75 anos. Ele mora numa fazenda, a cerca de 70km de Pirenópolis, onde planta soja. Quase não vai ao casarão da cidade, que ga-

nhou ares modernos com piscina, sauna e churrasqueira. Quem mais usufrui do pomar hoje são o caseiro e os 22 micos-estrela que se deliciam com as mangas, goiabas e jabuticabas.

Na passagem por Pirenópolis, os pesquisadores da nova expedição pelo Planalto Central encontraram um público receptivo. Visitaram os pontos descritos no Relatório Cruls e ouviram muitas histórias a respeito da missão que por lá passou há 111 anos. Algumas folclóricas, como dos supostos filhos que o astrônomo belga teria deixado na cidade — não apareceu ninguém com o sobrenome Cruls em Pirenópolis ou qualquer cidade próxima.

Ainda em Pirenópolis, a moderna Missão Cruls recebeu a visita da embaixadora da Bélgica no Brasil, Godelieve Nandienberg. Ela tomou conhecimento da história do contêrrâneo Luiz Cruls por meio da série de reportagens do *Correio*. "É impressionante o trabalho dele. Mais ainda para nós, europeus, porque lá nos nossos países não andamos distâncias tão grandes. Não dá para imaginar percursos como o da Missão Cruls sendo feitos em mulas", ressaltou.

Rumo a Formosa

A equipe de pesquisadores que reconstituiu o trajeto percorrido pela Missão Cruls passou ontem por Corumbá, em Goiás, onde foi recepcionada por moradores e por um grupo local de boi-bumbá. No fim da tarde, os estudiosos chegaram à cidade goiana de Luziânia. Está marcada para a manhã de hoje a saída para Formosa (GO), com duas paradas no Distrito Federal — Gama e Barragem do Paranoá.



“ Com o fim de aproveitarmos o tempo que forçosamente nos deixavam os preparativos da partida, divisão do material, etc, resolvêmos determinar com todo o esmero possível a altitude do Pico dos Pyreneus, a respeito da qual reinava grande discordancia entre os geographos. ”

Relatório Cruls - 1892